

Boletim Instituto Camões

HATUDU CULTURA

N.º 3. Terceiro Trimestre de 2002. Julho-Setembro

Olhar Timor - Tau Matan Ba Timor

Foi inaugurada, no passado dia 16 de Maio, a exposição "Olhar Timor - Tau Matan Ba Timor".

A inauguração decorreu nas instalações do Instituto Camões - Centro Cultural Português, em Díli, e inseriu-se no programa das Celebrações da Independência de Timor-Leste.

A exposição reuniu obras de cinco fotógrafos portugueses, que passaram por Timor desde 1999 - Adriano Miranda, António Pedro Ferreira, Eduardo Gageiro, Inácio Ludgero e Luís Carvalho -, tendo cada um seleccionado outras tantas fotografias das suas colecções sobre Timor-Leste, as suas paisagens, as suas gentes e os seus costumes.

Exposição idêntica tinha sido já inaugurada, no auditório do Instituto Camões, em Lisboa, a 4 de Abril.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, e Presidente da Comissão para as Celebrações da Independência de Timor-Leste, Dr. Ramos Horta, deu as boas-vindas a esta e outras iniciativas de âmbito cultural e felicitou o trabalho desenvolvido pelo Instituto Camões ao longo de quase dois anos de actividade, desejando que, no futuro, o trabalho deste Centro Cultural se mantenha louvável e digno de referência.

Também o Chefe da Missão de Portugal em Díli, Embaixador Pedro Moitinho de Almeida, que, no dia 21 de Maio, cessou funções, elogiou o trabalho desenvolvido pelo Instituto Camões, em Timor-Leste, visto ter acompanhado com muita satisfação as actividades empreendidas por este Centro Cultural.

A todos os participantes foi distribuído o catálogo que acompanhava a exposição.

De seguida, procedeu-se ao lançamento dos livros "Babel Loro Sa'e - O Problema Linguístico de Timor-Leste", de Luís Filipe Thomaz, e "Guia de Conversação Português-Tétum", de Luís Costa.

O "Guia de Conversação Português-Tétum", de Luís Costa, é um pequeno manual de grande utilidade para todos os cooperantes.

Já "Babel Loro Sa'e - O Problema Linguístico de Timor-Leste", de Luís Filipe Thomaz, destinado a professores e linguistas, descreve a relação das diversas línguas que se falam em Timor-Leste e o nascimento do Tétum e as suas cerca de 20 variantes.

A apresentação destes dois livros esteve a cargo do Professor Doutor Luís Filipe Thomaz, que também autografou o livro de sua autoria.

A Cidade e o Forte de Díli

No dia 15 de Maio foi inaugurada a exposição "A Cidade e o Forte Português de Díli", numa organização conjunta da UNESCO e do Instituto Camões - Centro Cultural Português, em Díli.

A inauguração decorreu nas antigas instalações do Forte Português, em Díli. Estas instalações estão a ser agora recuperadas por uma empresa de construção civil portuguesa (ENSUL), com fundos do Banco Mundial e com o apoio técnico da UNESCO. O projecto de arquitectura foi da responsabilidade do Grupo de Estudos de Reconstrução - Timor Lorosa'e (GERTIL) e foi oferecido por Portugal às entidades timorenses, através do Ministério dos Negócios Estrangeiros. A 1.ª fase das obras estará concluída dentro em breve. O espaço recuperado servirá para albergar o Centro Cultural Timorense - *Uma Fukun Timor*.

A referida exposição era composta por vinte e um cartazes, ilustrativos da história da cidade e do forte português de Díli, ao longo dos últimos dois séculos, projectando ainda o futuro arquitectónico de ambos. Os cartazes estavam legendados em quatro línguas: português, tétum, inglês e indonésio.

Na inauguração estiveram presentes o Chefe da Missão Portuguesa em Díli, Embaixador Pedro Moitinho de Almeida, o Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, e também Presidente da Comissão para as Comemorações da Independência de Timor-Leste, Dr. Ramos Horta, o Ministro da Educação, Dr. Armindo Maia, o Bispo D. Carlos Ximenes Belo e os coordenadores da exposição. Eng. Sousa Lobo e Professor Doutor Luís Filipe Thomaz.

A inauguração desta exposição inseriu-se também no programa das Celebrações da Independência de Timor-Leste.

Ministério dos Negócios Estrangeiros



INSTITUTO CAMÕES



Luís Vaz de Camões - Um homem em busca do mais-além que transporta consigo o espelho de uma cultura

Içam-se as velas, entrega-se o último adeus aos olhares já saudosos, molbados pelos mistérios do desconhecido. levantam-se as âncoras e as caravelas estão prestes a fazer-se aos mares, no momento preciso em que se soltam os cabos. Foram estes os homens que gritaram a vontade e o sentimento para que as amarras se soltassem do cais da História e pudessem navegar.

Renascia o fervor de um entusiasmo otimista, em que o homem voltava a olhar para si próprio com o desejo posto na transcendência. Envelhecido, entristecido com a voz amarga de tantos gritos estéreis com que atravessava os últimos séculos, fazia-se agora ao grande oceano misterioso, levando consigo a bagagem e as sombras que teria de enfrentar. Renascia, com efeito, a alegria ingênua dos antigos tempos clássicos: a alegria de viver ao sabor das leis da natureza, sem os pesos castrantes das condenações dos séculos medievais. A Idade Média havia-se pautado pela condenação de tudo quanto pudesse distrair o homem do sonho da salvação eterna. De costas voltadas para a carne, para as sensações e para a natureza, o cosmos não era sentido, aparecendo como personificação da figura pessimista do diabo com quem se enterravam os antigos deuses humanizados do Olimpo, gênios e construções heróicas da imaginação. Uma nova intuição surgia agora, por terras Lusitanas, uma intuição a quem um dos maiores poetas do Renascimento vinha dar expressão – Luís Vaz de Camões.

Camões terá nascido em 1524 ou 1525, “O cavaleiro fidalgo da casa real”, tal como aparece na carta de perdão de 1553. Estudou em Coimbra e viveu em Lisboa, onde participou nos divertimentos poéticos a que se entregavam os cortesãos. Em fins de 1549, alistou-se no exército e combateu em Ceuta, onde perdeu o olho direito. Em 1553, embarca para a Índia na nau S. Benito, entrega-se às viagens e à sua obra e, no regresso de Goa, naufragou, na foz do rio Mexon, tendo salvo a nado *Os Lusíadas*, que publicou em 1572. Errou por Malaca e por várias ilhas da Malásia e morreu em 10 de Junho de 1580.

Foi um humanista, defensor dos valores clássicos e, movido pela curiosidade da razão, escreveu com o fervor do seu tempo, revelando da forma mais profunda e autêntica o espírito lusitano. *Os Lusíadas* são, de facto, a própria epopeia da astronomia, da cosmografia e das lendas mitológicas da imaginação dos homens, um marco da civilização e o símbolo artístico do renascimento.

A poesia camoneana nasce de uma curiosidade cósmica, que na época já fervilhava pelos vários cantos do saber e que o entregou à *Viagem*, englobando quer o homem quer o próprio universo, para fazer deles, porque grandiosas construções de ordem metafísica, o objecto do cântico lírico e épico. Camões combinou três forças fundamentais: estudo, engenho e experiência; resultando delas uma fonte de saber onde o humanismo ia buscar a sua maior inspiração. E fez-se assim poeta:

*Não me falta na vida honesto estudo
com longa experiência misturado
nem engenho, que aqui vereis presente
cousas que juntas se acham raramente.*

Camões é o claro exemplo do homem do Renascimento, o homem do “honesto estudo” e da imensa curiosidade intelectual aberta quer à cultura mais requintada quer a tudo quanto os seus sentidos alcançavam e a arguta observação descobria. Um pensador por excelência, caminhando pela necessidade de compreender, de “achar razões”.

A exaltação desta viagem transoceânica teria como objectivo criar laços de ligação entre o ocidente e o oriente. Com efeito, à conta da exaltação dos heróis que triunfaram

pelos oceanos em fúria e que descobriram novas formas para o encontro fértil de civilizações, encontramos n' *Os Lusíadas* uma crítica severa da tirania, da opressão, das injustiças e da infidelidade aos grandes ideais de um humanismo universal.

Se, por um lado, nos aparece como um humanista, em busca de uma dignidade metafísica do homem, de um saber universal baseado na experiência comprovada - enfim, como um homem de vontade -; por outro, Camões revela-se como um

amante, movido por paixões de aventura - um neoplatónico enredado nas paixões da alma. Como o filósofo, Camões faz da busca de conhecimento uma viagem ao mundo das ideias, onde a alma viveu um dia e agora, encarcerada no corpo, precisa dos sentidos para recordar¹

*Mas ó tua, terra de Glória,
se eu nunca vi tua essência,
como me lembrás na ausência?
Não me lembrás na memória
senão na rememoração.*

Esta viagem da alma ao longo da caverna² leva o homem à sublimação do amor terreno em busca da perfeição amorosa. Este amor é, para Camões, tão espiritual quanto carnal, sendo este último tão natural como a própria Natureza, uma vez que ele tem uma visão pansiquista do Universo, onde tudo ama desta maneira. Assim sendo, o amor aparece como forma de conhecimento e desejo e a união amorosa e física começa na atracção dos astros, indo até às plantas e todos os seres vivos.

A ânsia de descobrir, o desejo de amor e a busca do verdadeiro conhecimento fazem de Camões um viajero, um espírito inquieto e curioso que ama a sua Pátria e por esse amor tem de a deixar, em busca de novos mundos que transporta de porto em porto, levando e trazendo desejos na eterna saudade. Como Luís Cardoso o lembra, procurando povos...

*QUE O SOL LOGO EM
NASCENDO VÊ PRIMEIRO*

Marta Pires
Assistente do
CLP/ICA-Dili

¹ Referimo-nos aqui à Teoria da Reminiscência de Platão.
² Vd. livro VII, República. Platão, na teoria que expressa através da Alegoria da Caverna, vê o conhecimento como um caminho do mundo sensível ao mundo das ideias.



Ministério dos Negócios
Estrangeiros



INSTITUTO
CAMÕES

Fernando Tordo (en)cantou Abril em Timor

*Sou doutras coisas
sou de entender a dor alheia que é a minha
sou de quem parte com a mágoa de quem fica
mas também sou de querer sonhar o novo dia.*

Fernando Tordo

O 25 de Abril na música de Zeca Afonso e no fumo de um cigarro

No dia da Revolução de 74, andava eu na inocência dos meus três anos e meio. Não me lembro, pois, do cheiro doce dos cravos nem dos comunicados constantes do M.F.A. – e muito menos de, nas primeiras frases articuladas, tratar o papá e a mamã por “camaradas”! Ainda antes de chegar à Primária, ocorrera o 11 de Setembro e o 25 de Novembro, a Constituição tinha sido aprovada. O país tinha ido a votos e o P.R.E.C. marchava alegremente na vida dos portugueses. Entrei a medo na escola, porque tínhamos um professor adepto da reguada e que nos chamava “artistas”. Por vingança, ilustrámos a nossa “arte” no muro da escola com as seguintes palavras de ordem: “Os alunos é quem mais ordena”. Obviamente que o nosso grito de liberdade foi punido com mais umas reguadas por conter um erro gramatical.

Vinte e muitos anos depois, estou em Timor, num fim de tarde de Fevereiro, a ouvir Zeca Afonso e a delinear, no fumo de um cigarro, as Celebrações do 25 de Abril. O meu primeiro impulso é de telefonar ao Zeca e ouvir do outro lado aquela senha de liberdade do “Grândola, Vila Morena”. Mas o Zeca já não está entre nós e do “Grândola...” fica apenas a memória de um disco de vinil que eu punha a tocar bem alto, noite fora, para escândalo de um vizinho que rosnava saudades da ditadura.

Entre sugestões e cigarros demorados, alguém se põe a cantarolar estes quatros versos:

*Não importa sol ou sombra
camarotes ou barreiras
loureamos ombro a ombro
as feras.*

Eram os quatro primeiros versos de uma canção que venceu o Festival da R.T. P. de 1973. Ligámos imediatamente para Portugal e do outro lado ouvimos a voz que a interpretou. Apesar de o termos acordado, Fernando Tordo mostrou-se entusiasmado com a ideia de vir a Timor, a convite do Instituto Camões/Centro Cultural Português, em Díli, para as Comemorações do 25 de Abril. Acertámos os pormenores e desligámos o telefone, felizes.

A caminho do jantar, ainda fomos loureando os seguintes versos:

*Entram guizos chocas e capotes
e manilhas pretas
entram espadas chifres e derrotes
e alguns poetas
entram bravos cravos e dichotes
porque tudo o mais
são tretas.*

Sentimento, liberdade e poesia

Aeroporto de Díli, 23 de Abril de 2002.

Denire a multidão, surge-me a imagem do Fernando Tordo de guitarra às costas. No rosto nota-se o cansaço da viagem, mas ainda há forças para um largo sorriso e para um abraço generoso.

Com ele vêm três músicos, amigos de longa data e indispensáveis à realização do espectáculo: o maestro e

pianista João Balula Cid, o baixista Massimo Cavalli e o baterista Henry Sousa.

Já no carro, a caminho do Central Maritime Hotel, percorremos a marginal com a ilha de Ataíro a erguer-se no horizonte. Fernando Tordo, de olhar atento na paisagem, recorda a primeira vez que veio a Timor, em Outubro de 1999, com uma equipa do C.N.L., para fazer três filmes de reportagem sobre música de expressão portuguesa. Por arrasto, trouxe o Palma – o Jorge Palma! O Palma que se deixou encantar pelas noites de Timor e que, de guitarra emprestada, retribuiu o encanto à lua, às estrelas e a quem mais o quis ouvir. E no caos que era o trânsito nesse dia, como em tantos outros, vieram-me à memória uns versos do Palma:

*O bairro do amor é uma zona marginal
Onde não há prisões nem hospitais
No bairro do amor cada um tem que tratar
Das suas nódoas negras sentimentais*

Bairro de Taibessi, 25 de Abril de 2002.

Era tarde e anoitecia.

Em Portugal, há 33 anos, fora a mais longa das tardes. A tarde de todas as esperanças e do desejo de mudança. Em imagens a preto e branco, nas quais se adivinhava já o vermelho dos cravos, o capitão Salgueiro Maia cercou o Quartel do Carmo e anunciou, de alufalante em punho, o fim da ditadura. E o povo saiu às ruas com uma alegria inusitada – uma alegria feita de cantos, de beijos, de abraços e de lágrimas doces como a liberdade!

Era tarde e anoitecia.

Mas agora era o Centro Juvenil Pe. António Vieira, em Taibessi, que enchia – de portugueses, de timorenses e de gente de nacionalidades várias para assistir ao espectáculo do Fernando Tordo. Veio a poesia, na melodia de uma balada inédita, a recriar o Timor de Ruy Cinatti. Vieram também canções do último CD, intitulado “... e no entanto ela move-se”, à mistura com temas da memória de todos nós, dispersos por uma carreira de 37 anos e com 27 discos gravados. Enfim, veio o galope louco do “Cavalo à solta”, desvairado, recordado, murmurado...

*Minha laranja amarga e doce
meu poema
feito de gomos de saudade
minha pena
pesada e leve
secreta e pura
minha passagem para o breve breve
instante da loucura.*

... e largamente aplaudido.

Foram tantos os dias a preparar aquela hora e meia de espectáculo que, entorpecido pelo cansaço, sentei-me na penumbra dos bastidores. Dos lábios soltou-se-me um sorriso e murmurei também:

*Adeus tristeza, até depois
Chamo-te triste por sentir que entre os dois
Não há mais nada p'ra fazer ou conversar
Chegou a hora de acabar.*

Excerto de *O meu Abril para todos vós*, de Fernando Chambel



3



Ministério dos Negócios
Estrangeiros



INSTITUTO
CAMÕES



Hatudu Cultura Espaço Cultural Timorense

Ruy Cinatti, Timór nia oan hakiak

Testu ki'ik hanesan ida-ne'e la to'o atu hakerek kona-ba Ruy Cinatti. Tanba malae ida-ne'e la'ós malae naran de'it. Nia ema ida ne'ebé laran-di'ak, badinas no nia mós ema ida ne'ebé fó nia an tomak ba Timór.

Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes moris iha loron 8 fulan Marsu 1915 iha Londres. Nia aman-inan ema Portugál, maibé nia inan mós iha bei-ala husi rai-Itália no rai-Makau. Nia sei joven bainhira nia hahú hekerek no publika poezia. Nia estuda hela iha Portugál, maibé nia iha mehi atu ba rain oiain ne'ebé dook no tropikál. Nia gosta liu lee livru husi hakerek-na'in nu'udar Jules Verne. Wenceslau de Moraes, Robert Lois Stevenson ka Alain Gerbault. Nia hili atu estuda agronomia tanba nia hakarak servisu iha uma liur, maibé nia gasta tinan barak to'o nia remata nia kursu. Iha tinan hirak ne'e nia laran Ruy Cinatti badinas iha atividade kulturál oiain.

Nia mai Timór dala uluk iha 27 fulan-Juñu 1946, nia hakfodak no fuan tuku-tuku tanba rain ida-ne'e kapás paramate. Nia sente ninia mehi sai tebes ona. Maibé nia mós laran-kraik tanba nia haree katak iha Funu Mundiál Darua nia laran soldadu japonés sira sobu tiha kota no ai-laran, no ema terus no susar barabarak. Funu foin hotu, administrasaun portugés tama atu ukun fali Timór, no Ruy Cinatti mai servisu nu'udar sekretáriu no xefe-gabinete ba governadór Timór nian, naran Óscar Ruas. Iha buat ruma maka nia halo bainhira nia to'o Dili ne'ebé importante duni ba nia an: nia buka no hadi'a Alain Gerbault nia rate iha *Cemitério de Santa Cruz* no mós nia maka asina surat-mate ne'ebé Embaixada Fransa nian iha Lizboa husu (Alain Gerbault ne'e hakerek-na'in fransés no ro-na'in aventureiru be Cinatti gosta lee kuandu nia sei foin-sa'e, i nia foin mate iha Timór molok invazaun japonés).

Ruy Cinatti hadomi Timór liu ba beibeik no nia hakarak buka hatene kona-ba ai-hun sira, ema no seluk tan, maibé dala barak nia tenke servisu de'it ho surat iha eskritóriu nia laran. Maski nune'e nia hakerek kona-ba botánika i poezia. Nia mós roman ko'alia hasoru hahalok husi administrasaun portugés ne'ebé la di'ak.

Iha tinan 1948 nia laran nia ba fali ba Lizboa, no kontinua hekerek kona-ba ai-hun sira Timór nian. Nia fila fali mai Timór iha 1951, nu'udar xefe Servisu Agrikultura. no hela iha ne'e to'o 1955. Nia kontinua badinas no buka hatene buat barak husi Timór. Nia hamaluk an ho ema rai-na'in. Tinan balun liu tan nia hakerek poema kapás ida naran *Propósito Inadiável*, ne'ebé hatudu loos saida maka nia sente iha nia laran ba Timoroan sira.

Hafoin nia ba estuda antropolojia iha rai-Oksford. Iha 1958 nia mai vizita dala ida tan atu hala'o investigasaun kona-ba arkitetura tuir Timór nia lisan, no durante tinan 1962 nia laran nia mós iha ne'e. Nia hemu-raan ho D. Armando Barreto, liurai Ajasa nian, no D. Adelino Ximenes, liurai Loree nian. Nia ligasaun ho Timór nia povu sai metin liu. ema mós hatudu ba nia buat lulik ne'ebé baibain sira la husik malae sira haree. Nia mai Timór dala ikus iha 1966 nia laran.

Ruy Cinatti hakerek livru barabarak iha nia moris nia laran, liuliu kona-ba Timór: ai-hun no ai-laran, kudarai, arkitetura, ema nia fiar no nia lisan, fotografia, poezia...

Nia mate iha fulan-Outubru 1986, iha Lizboa, tinan barak molok nia bele haree nia rain doben Timór hetan liberdade.

Testu husi João Paulo Esperança ho Triana Corte-Real de Oliveira.



4

Ministério dos Negócios
Estrangeiros



INSTITUTO
CAMÕES

Hatudu Cultura Espaço Cultural Timorense



Ruy Cinatti, um filho adoptivo de Timor

Não é fácil falar de Ruy Cinatti num texto pequeno como este. Porque este não foi um malai qualquer, mas sim um indivíduo dedicado, activo, e que se entregou sem reservas a Timor.

Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes nasceu em 8 de Março de 1915, em Londres. Filho de portugueses, mas com antepassados pelo lado da mãe da Itália e da China. Ainda jovem começou a escrever e a publicar poesia. Enquanto estudava, em Portugal, sonhava com distantes terras tropicais. Seduziam-no especialmente escritores como Jules Verne, Wenceslau de Moraes, Robert Louis Stevenson ou Alain Gerbault. Decidiu estudar agronomia por preferir a vida ao ar livre, mas levaria muitos anos para concluir o curso. Durante este tempo, Ruy Cinatti manteve-se envolvido activamente em várias actividades culturais.

Chegado a Timor pela primeira vez em 27 de Junho de 1946, ficou extasiado perante a beleza paradisíaca da terra. Os seus sonhos tornavam-se realidade. O deslumbramento era, no entanto, ensombrado pela constatação da destruição de cidades e florestas provocada pela ocupação japonesa durante a II Guerra Mundial, e pelas dificuldades atravessadas pelas populações. A guerra tinha acabado de chegar ao seu termo, a administração portuguesa voltava a instalar-se em Timor e Ruy Cinatti vinha trabalhar como secretário e chefe de gabinete do governador Óscar Ruas. Uma das coisas que fez ao chegar a Díli assumiu para si grande significado: localizou e arranjou a sepultura de Alain Gerbault no Cemitério de Santa Cruz e foi ele quem assinou a certidão de óbito solicitada pela embaixada francesa em Lisboa (Alain Gerbault era o escritor e navegador francês que ele tanto gostava de ler na juventude, e que morrera em Timor pouco antes da invasão japonesa). Ruy Cinatti apaixonava-se cada vez mais

por Timor e dedicava-se à investigação sobre a vegetação, sobre o povo e sobre outros aspectos, e exasperava-se quando se via limitado à execução de trabalho burocrático. Apesar de tudo, escrevia. Sobre botânica e poesia. E manifestava-se amiúde contra os desmandos da administração colonial.

Em 1948 volta para Lisboa, onde continua a escrever sobre as árvores de Timor. Regressa para cá em 1951, como chefe dos Serviços de Agricultura, e aqui vive até 1955. Mantém-se activo e faz pesquisas sobre vários aspectos da realidade local. Acamarada com os timorenses. Alguns anos mais tarde, escreverá um belo poema intitulado *Propósito Inadiável*, no qual demonstra a sua empatia com este povo.

Depois vai estudar antropologia para Oxford. Em 1958 visita Timor uma vez mais, para fazer investigação sobre a arquitectura tradicional, e durante o ano de 1962 também aqui se encontra. Faz juramentos de sangue com D. Armando Barreto, liurai de Ajassa, e D. Adelino Ximenes, liurai de Loré. A sua ligação com o povo timorense reforça-se, e é-lhe concedido acesso a lugares sagrados habitualmente não revelados aos estrangeiros. Virá a Timor pela última vez em 1966.

Ruy Cinatti foi autor de muitos livros durante a sua vida, especialmente sobre temas de Timor como árvores e florestas, agricultura, arquitectura, crenças e tradições, fotografia, poesia...

Morreu em Outubro de 1986, em Lisboa, muitos anos antes que pudesse ter a oportunidade de ver o seu querido Timor encontrar enfim a liberdade.

Tradução para Português de João Paulo Esperança

Visitas de estudo às instalações do
Centro Cultural Português, em Díli.

Os professores timorenses e portugueses, bem como de outras nacionalidades,
podem agora realizar com os seus alunos visitas de estudo
às instalações do Centro Cultural Português, em Díli.

Ações de leitura, visionamento de filmes, audição de CD's e consulta da internet.

ATENÇÃO: As visitas de estudo necessitam de marcação prévia.

5

Ministério dos Negócios
Estrangeiros



INSTITUTO
CAMÕES

Os Padres Seculares de Sernache do Bonjardim em Timor (1.ª Parte)

(Apontamentos e esboço para um estudo)

1- CHEGADA

Os padres seculares de Sernache do Bonjardim não parecem ser muito conhecidos em terras de Timor Leste. Duas razões podem explicar o desconhecimento: por um lado, uma estadia relativamente curta; por outro, a distância no tempo, associada às muitas convulsões políticas, militares e sociais, talvez se tenha encarregado de diluir ou, até mesmo, apagar da memória colectiva dos timorenses as representações dos padres seculares.

O Real Colégio das Missões Ultramarinas de Sernache do Bonjardim (concelho da Sertã, distrito de Castelo Branco) começou a funcionar, transferido do Bombarral, em 5 de Dezembro de 1855, com uma vineta de alunos orientados pelo P.e Luís da Natividade. Tinha por finalidade formar missionários, padres seculares, que, uma vez ordenados, eram colocados no então império português sob a tutela dos Bispos das dioceses ultramarinas. Estiveram em Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Índia e, a partir de Macau, em Singapura, Taipa, Malaca e Timor.

A sua presença em Timor está assinalada a partir dos anos 70 do século XIX e continuaram a chegar padres seculares até ao encerramento do Colégio (Seminário) de Sernache na sequência da implantação da República e por força da Lei de Separação de 1911. Contudo, a sua acção continuou para além daquela data, prolongando-se pelos anos 30 do séc. XX por via da presença e trabalho de alguns padres seculares que foram permanecendo no território enquanto o ânimo, a saúde e a idade permitiam. Se o nome "padres seculares", hoje, pouco – ou quase nada – parece dizer à maioria dos timorenses, o mesmo não acontece com o Bispo Medeiros. Apesar de não o relacionarem com Sernache, as pessoas identificam-no como "alguém importante" para Timor. Este reconhecimento está patente na atribuição do seu nome a uma avenida de Díli e a uma escola em Maubara. Ora, o P.e António Joaquim de Medeiros, depois Bispo Medeiros, era um padre secular de Sernache do Bonjardim. Segundo o P.e Abílio José Fernandes, Vigário Geral e Superior das Missões de Timor, em 1931, até esta data, podemos distinguir quatro fases na história das missões em Timor: de 1500 a 1834; de 1834 a 1877; de 1877 a 1910 e de 1910 a 1931. O período em que os missionários de Sernache desenvolveram acção mais intensa e presença mais marcante foi o de 1877 a 1910. Pode mesmo dizer-se que foram determinantes.

Os padres seculares chegaram a Timor na sequência do abandono a que as convulsões políticas e ideológicas liberais, no continente, tinham votado as missões em todo o espaço colonial. Timor incluído.

Em 1874, a Missão de Timor passou a ficar adscrita à Diocese de Macau e o Deão Manuel Lourenço Gouveia que governava a diocese enquanto não chegava o bispo nomeado, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, encarregou o P.e António Joaquim de Medeiros de visitar as missões de Timor "com plenos poderes, para que, seguramente, o informasse do estado religioso" (FERNANDES, 1931). O P.e Medeiros tinha então 28 anos e "era de saúde robusta, enérgico, inteligente e virtuoso", no dizer de Abílio Fernandes. Vinha acompanhado do P.e Carlos Joaquim Gonçalves dos Santos que se havia oferecido voluntário para o coadjuvar.

Desembarcou em Díli em finais de Dezembro de 1875, sendo governador Hugo de Lacerda Castelo Branco, "homem muito devoto e cheio de boas intenções", mas que, ao saber da chegada dos dois missionários, teria exclamado: "Mais dois miseráveis!" (MARTINS, 1933). A expressão mostra o estado a que tinham chegado as missões de Timor e indicia a ausência de consideração que os timorenses – e o governador em particular – tinham pela imagem desgastada dos missionários. Para se fazer uma ideia, apenas uma pálida ideia, do estado em que o P.e Medeiros veio encontrar as missões de Timor, cito o P.e João Gomes Ferreira, Vigário Geral e Superior das Missões de Timor em 1884, num relatório que enviou ao governador: "Ser-me-ia impossível referir aqui o lamentável abandono e desordem em que o Rev.mo Visitador veio encontrar o serviço religioso do distrito!... Havia alguns sacerdotes índios (indianos), mas esses eram poucos; e, por desgraça, estavam muito longe de corresponder à nobre missão, levando uma vida altamente repreensível (...).".

Face à situação, o governador da Diocese (ainda na falta do Bispo titular) mandou retirar os padres indianos e nomeou Vigário Geral interino, em Timor, o P.e Carlos Gonçalves dos Santos que aqui tinha ficado, encarregado pelo P.e Medeiros dos negócios eclesiásticos.

Em Março de 1877, o P.e Medeiros é nomeado Superior e Vigário Geral do Distrito de Timor, pelo recém chegado bispo de Macau, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes.

QUADRO DAS MISSÕES INSTALADAS EM 1877

Designação	Missionários	Jurisdicção	Línguas	População
Missão Central de Díli	António J. Medeiros, Vigário Geral, Carlos Ferreira Batista, Francisco P. Gonçalves, Manuel J. Branco, Francisco Lang	Díli, Bidau, Motael e Hera	Tétum e Galole	25.000
Missão de Batugadé	José António Pires	Batugadé, Cová, Saniri, Balibó e Coubaba	Quêmaque e Tétum	19.000
Missão de Ocussi	Francisco X. de Melo	Ocussi, Ambeno e Noimuiti	Vaiqueno	32.000
Missão de Manatuto	Manuel Maria Alves da Silva	Manatuto, Lacló, Laleia e Verrasse	Galole	8.000
Missão de Lacluta	Sebastião Maria Aparício da Silva	Lacluta, Dilor, Barique, Viqueque, Bibi-Susso e Samoro	Tétum	20.000
Missão da Costa Sul	Jacob dos Reis e Cunha	Restantes reinos da Costa Sul	Tétum	

6

Ministério dos Negócios Estrangeiros



INSTITUTO CAMÕES

Estudo de António Manuel Martins Silva

Bolseiro da Fundação Oriente



Bispo de Cochim, D. João Gomes Ferreira nasceu em Aguiar de Sousa em 1851, filho do negociante António dos Santos Gomes e de Maria Ferreira. Com 46 anos morreu na Índia, a 4 de Maio de 1897. "Cursou o liceu do Porto com notável aproveitamento distinguindo-se sobretudo no estudo da matemática. Dedicando-se depois aos estudos teológicos e dogmáticos, entrou no colégio das Missões Ultramarinas de Sernache do Bonjardim, onde afirmou dotes de inteligência pouco vulgares. Em 1875, concluiu o curso eclesiástico e tomou as últimas ordens, sendo nomeado professor para o Seminário de Macau. Foi reitor do mesmo seminário, substituindo o bispo Medeiros. Foi depois missionar para Timor. No reino de Manatuto concluiu uma igreja a que deu princípio o bispo Medeiros, chegando ele próprio a trabalhar no novo templo como qualquer outro operário, na pintura decorativa da igreja. Em 1887 foi nomeado bispo de Cochim. A alta dignidade não alterou a vida do modesto missionário D. João Gomes Ferreira, que

deixou um nome respeitado e querido no Oriente". Este é um excerto de um artigo do jornal "O Comércio do Porto", de 14 de Outubro de 1914 - escrito a propósito da chegada a Lisboa dos restos mortais de D. João Gomes Ferreira depois transportados para o cemitério de Aguiar de Sousa, onde se encontram depositados - transcrito da "Monografia de Paredes", do Dr. José do Barreiro. Nessa consta também um outro artigo, escrito na mesma altura, do "Primeiro de Janeiro": "Se a sua carreira de missionário em Timor provou à sociedade quanto valiam esse espírito de eleição e esse coração de ouro - tão relevantes foram os serviços prestados à causa da religião e da pátria - a sua carreira verdadeiramente gloriosa e que o consagrou à simpatia e admiração de Portugal inteiro, foi aquela que principiou em 1886 com a sua investitura na cadeira episcopal de Cochim. (...) Convicto de que o progresso e civilização sem instrução são uma utopia, reorganiza, amplia e funda estabelecimentos onde se educam integralmente em inteligência e coração, indivíduos que um dia serão beneméritos da religião e da pátria. Com este fim, nobremente patriótico e eminentemente humanitário, reorganizou e desenvolveu o Colégio de Santa Cruz, em Cochim, destinando-o à educação da mocidade que nele encontrasse todas as disciplinas do curso preparatório para o ingresso nas universidades inglesas da Índia. Entregando a sua direcção às irmãs canossianas, fundou o convento de Santa Maria para a educação das meninas de Cochim. Fundou em Alapé o Seminário do Sagrado Coração de Jesus para ordenação do clero indígena. Fundou também o Orfanotório de Santo António, onde, e a par da educação religiosa, se ensinavam as artes e ofícios que faziam cidadãos prestantes a si e à sociedade. Fundou ainda em Alapé um convento para a educação de meninas, dirigido por irmãs canossianas e tendo como dependente um orfanotório para raparigas pobres e desvalidas. Instituiu junto deste convento "dous catecumenados" para a conversão dos hindus, que aliciaram ao grémio da Igreja grande número de crentes e apologistas. Além de muitas outras, criou em Alapé a escola Leão XII. Na fundação de todas estas escolas, de alto alcance religioso e patriótico, dispendeu o nobre bispo de Cochim todos os rendimentos da sua mitra com o único e exclusivo intuito de servir a Religião e a Pátria (...)"

Adquiriu o que julgou mais necessário (imagens, quadros, paramentos sagrados, mobílias e outros objectos de uso doméstico, tudo no valor de 4.000\$000 réis), saiu de Macau a 10 de Abril e chegou a Timor a 2 de Junho. Vinha acompanhado dos seguintes missionários, padres seculares do Real Colégio das Missões de Sernache: Carlos Ferreira Baptista, Sebastião Maria Aparício da Silva (jesuíta), Manuel Maria Alves da Silva, Francisco Pedro Gonçalves, Manuel José Branco (todos europeus), Francisco Lang (chinês) e Jacob dos Reis e Cunha (timorense). Acomodaram-se em Lahane, onde o P.e Carlos Gonçalves já tinha comprado uma pequena casa. Pouco depois, o P.e Medeiros fazia a distribuição dos seus companheiros por Batugadé, Oecussi, Manatuto, Lacluta, Díli, Bidau, Hera, Motael. O P.e Jacob foi nomeado missionário ambulante para a costa sul, tendo a sua residência ora em Luca ora em Alas.

Cada uma das missões foi equipada com o indispensável para se poder exercer o culto com decência e com livros necessários para os registos eclesiásticos. Aos missionários do interior foram dadas instruções, por escrito, para "estudar a língua do país e dar aulas de instrução primária", ficando ainda obrigados a enviar, de três em três meses, um relatório ao vigário geral, onde descrevessem a acção desenvolvida e os resultados obtidos.

Desta forma se iniciou a presença dos padres seculares em Timor. Pouco tempo depois, chegaram os padres João Gomes Ferreira, Joaquim Inácio e Anacleto Cotrim da Silva Garcês e foi a vez de Maubara, Laleia e Baucau ficarem com missionários.

Até 1910, vieram para Timor, do meu conhecimento, mais os seguintes padres seculares: Alberto Carlos Barroso Pereira, Alberto César do Carmo e Matos, António Antunes, António de Azevedo Bartolo, António Bernardo, António Francisco Ferreira, António Marcelino Moreira, Benjamim Veríssimo da Silva, Elias Simões da Silva, Emídio

José Temudo, Eugénio dos Santos Freire, Francisco Manuel do Espírito Santo Guerra, Francisco Xavier de Melo, Jacinto Colaço Bernardino, Jaime Miranda e Brito, Jaime Ribeiro Martins, João José de Andrade, João Lopes, João Pedro Dias Valle, João dos Reis Martins, José Alves Barbosa, José António Pires, José Martins da Silva, José das Neves, Luís da Mata, Manuel Alves Ferreira, Manuel Calisto Duarte Neto, Manuel José Branco, Manuel Martins Pereira, Manuel Matos Silva, Manuel Mendes Laranjeira, Manuel Patrício Mendes, Manuel Roseiro Boavida e Victorino Lourenço.

2- OBRA EDUCATIVA e FORMATIVA

Uma das primeiras preocupações dos padres seculares foi a de aprender os dialectos das populações com quem conviviam de forma a se poderem fazer entender e passar a mensagem. Assim, conseguiram captar as simpatias dos timorenses de tal forma que foram determinantes na pacificação dos reinos de Oecussi e Cová que, há muitos anos, se encontravam em rebelião.

Junto a cada igreja, procuravam logo criar uma escola, sempre gratuita, geralmente sem subsídios oficiais, fornecendo a missão todos os livros e outro material escolar. Apesar da relutância dos pais em mandarem os filhos à escola, a boa vontade e o zelo dos missionários conseguiram que a escola primária de Díli, regida pelo P.e Branco, chegasse a ser frequentada por 135 alunos, a de Manatuto por 52, as de Lacluta e Batugadé por 16 cada e a de Oecussi por 30. Isto nos primeiros anos.

Contudo, como muitos alunos abandonavam a escola sem saber ler e escrever correctamente o português, o Vigário Geral, P.e Medeiros, decidiu fundar dois colégios para prosseguimento dos estudos tendo sido criados em Díli, em 1879, um para o sexo masculino e outro para o feminino. O primeiro era dirigido pelos próprios missionários e o segundo pelas religiosas Canossianas que, em Macau, se dedicavam à educação das meninas pobres e vieram então também para Timor.

7

Ministério dos Negócios Estrangeiros



INSTITUTO CAMÕES

Os Padres Seculares de Semache do Bonjardim em Timor (1.ª Parte)

(Apontamentos e esboço para um estudo)

O colégio do sexo feminino começou a funcionar numa casa alugada, por não haver instalações adequadas na missão. Inicialmente foi difícil conseguir alunas porque os chefes tradicionais, principalmente os da capital, diziam que era contrário a todos os usos e costumes de Timor educar e instruir a mulher. Não podiam levar a bem que a mulher, "objecto caseiro", pudesse receber educação. O governador, Hugo Lacerda, ordenou então que algumas crianças, tuteladas pelo governo, fossem matriculadas como externas e outras como internas. Entretanto, os missionários do interior conseguiram convencer alguns régulos e outras pessoas importantes a deixarem estudar as suas filhas. Desta forma, os habitantes de Dili foram ficando mais abertos à ideia das suas filhas estudarem e o colégio passou a ter maior frequência, chegando a 50 alunas. De tal forma que, pouco depois, as instalações já não eram suficientes e higienicamente adequadas para a população escolar que a elas acorria e abriram-se outras instalações, com 30 alunas, em Bidau, só para alunas externas e dirigidas também pelas irmãs Canossianas. Em 1904, este colégio tinha uma frequência de 100 alunas internas e 50 externas. Aprendiam português, costura, labores, música e piano.

Escrevia o já Bispo Medeiros, em relatório ao Ministério dos Negócios da Marinha e Ultramar, Direcção Geral do Ultramar, 1.ª Repartição: "Um fim mui especial destes dois colégios é dar igual educação aos dois sexos, promovendo entre eles o matrimónio católico e assim a unidade de família nas províncias" (Singapura, 1.º dia de Maio de 1887). Na verdade, parece que o objectivo foi conseguido porque D. António Medeiros, no mesmo relatório, refere que, na sua visita a Timor como bispo da diocese de Macau, em 1886, ministrou o sacramento do matrimónio a 298 casais, tendo escrito que considerava um triunfo para as missões tal facto, dadas as dificuldades em convencer os timorenses a abandonar os casamentos gentílicos.

Em 1883, o P.e João Gomes Ferreira fundou, em Lahane, uma Escola de Artes e Ofícios onde havia oficinas de carpinteiros, alfaiates, sapateiros e ferreiros. Ali se fabricava calçado, roupa, ferragens para portas e janelas, parafusos, picaretas, colheres de pedreiro, mantelos e outros artefactos destinados tanto ao pessoal da missão como a particulares (TEIXEIRA, 1905). As referidas oficinas foram construídas num edifício de 15m de comprimento por 5 de largura, coberto de zinco, situado junto à missão e podia acomodar 30 alunos. Os alunos internos da missão aprendiam as artes e ofícios conforme a vocação e inclinação de cada um e havia mestres contratados para os dirigir. Apesar de algumas dificuldades, era um "melhoramento eminentemente civilizador e conveniente para se fornecer educação moral e física e muito proveitoso e necessário ao desenvolvimento deste distrito" (VAQUINHAS, Capitão do Exército, 1885). Relativamente a esta Escola, escrevia o P.e José das Neves, no Missionário Católico, que o edifício era todo de alvenaria e coberto de zinco, com uma área de 750 m², tinha água canalizada e amplos aposentos para os artífices e aprendizes; que tanto na carpintaria como na serralharia se encontravam todos os instrumentos e maquinismos necessários ao seu bom funcionamento, merecendo especial atenção um torno para ferro e madeira vindo da Alemanha; que o edifício custou mais de 90 contos (nove mil patacas) e mais custaria se não tivesse sido tudo obra da missão, inclusive a planta. (NEVES, Missionário Católico, nº28, nov.1926, p.83).

Faltava porém uma escola onde se aprendessem lições de agricultura. Em Dare, na montanha, a 400m de altitude, tinha sido construído um edifício que servia de sanatório, onde os missionários iam recuperar as forças gastas no difícil trabalho efectuado no doentio clima do litoral. Foi nessas instalações, onde havia também lugar para aulas e dormitório, que os alunos de Lahane passaram a ter, juntamente com a instrução literária, lições de agricultura prática na quinta que cercava o edifício. Criava-se assim uma Escola Experimental Agrícola e, em 1896, o Bispo Medeiros dava, por escrito, as instruções referentes ao funcionamento da "Quinta de Viladare". Destinava-se a plantações de utilidade imediata ao aumento da receita das missões, a posto experimental agrícola, especialmente de arboricultura e instrução para os alunos indígenas das missões. Teriam preferência as plantações de café e cacau, tendo o bispo ido ao pormenor de determinar o tipo de café e locais de sementeira. Também seria dada especial atenção à aclimação de árvores frutíferas e plantas de recreio de outros países, havendo uma secção para plantas medicinais indígenas. As plantas que se adaptassem bem ao clima e dessem resultados satisfatórios, seriam depois cultivadas e multiplicadas com dedicação, as outras dadas como inúteis. Tudo seria registado em livro especial com esse fim. Para facilitar os trabalhos agrícolas, o próprio Bispo Medeiros escreveu um folheto: "Breve Instrução sobre o cultivo do cacau, do chá e quina para as Missões de Timor."

A Escola Experimental Agrícola existiu em Dare até 1924, quando a necessidade de atender os pedidos de um sem número de portugueses que desejavam educar os seus filhos à europeia, a exemplo do que já acontecia com as raparigas, obrigou a fechá-la. O edifício da Escola Agrícola transformou-se no colégio de Santo António e, pouco depois, com a chegada dos padres salesianos, deu lugar ao colégio de S. José. Assim, à boa maneira portuguesa, uma escola experimental deu lugar a uma escola teórica. Uma velha mania lusitana...

A Escola Agrícola fechou, mas ficou um posto experimental por onde passaram, trabalhando, nos dias da sua mocidade, quase todos os régulos e chefes da colónia de então. O posto constava de três partes: uma, plantação de café libéria; outra, de cacau; uma terceira de árvores de fruta: uma pereira, uma macieira, vários pessegueiros, árvores do Japão e da China, cânfora, noz moscada, canela, tangerineiras, laranjeiras, toranjeiras e nespereiras. Hoje, nada resta além do local. A natureza e o desleixo dos homens encarregaram-se da sua "transformação".

3- OBRA MATERIAL

Aquando da chegada dos padres seculares, as igrejas do interior eram barracões impróprios, com falta de asseio e limpeza. Havia destas instalações em Oecussi, Noimuti, Batugadé, Motael, Lacló, Manatuto, Laleia, Viqueque, Lacluta e Luca. Existiam ainda, noutros pontos, choupanas miseráveis, como a de qualquer timorense pobre, a que davam o nome de capelas e onde recolhiam imagens de santos. Havia também uma capela muito decente em Lautém, feita por Lucas Barreto Martins, em 1876, morador em Dili, que ali esteve como comandante militar.

Os missionários assim que se estabeleciam procuravam logo construir instalações condignas para a celebração do culto religioso, especialmente nas maiores cristandades como Dili, Manatuto, Baucau, Batugadé e Maubara.



Ministerio dos Negócios Estrangeiros



INSTITUTO CAMÕES

Estudo de António Manuel Martins Silva Bolseiro da Fundação Oriente

A de Dili, inaugurada em 15 de Agosto de 1879, foi construída de pedra e cal, tinha óptima aparência e satisfazia perfeitamente as necessidades do culto. Foi paga pelo governo e era considerada a melhor das Índias Orientais. Toda a ornamentação foi fornecida pela missão, incluindo lustres, jogos completos de ricos paramentos, imagens e tudo o mais necessário ao culto, tendo a administração eclesiástica gasto 6.000 florins. (Há documentos que referem a inauguração e a descrição arquitectónica de uma Igreja Matriz em Dili, em 8 de Setembro de 1867).

A de Manatuto, também de pedra e cal, foi construída com os rendimentos das missões da China e como auxílio dos timorenses, tendo-se os trabalhos iniciado em 20 de Setembro 1880 e concluído em Janeiro de 1886. O povo de Manatuto concorreu não só com o produto de uma subscrição, mas também com madeiras, fazendo cal e trazendo na obra, regularmente, 40 a 60 homens.

Em Baucau, começaram uma capela de alvenaria. Apesar do muito apoio dado pelo povo em madeiras, cal e serventes, a obra esteve interrompida, durante muito tempo, por falta de dinheiro.

Em Batugadé, o superior construiu uma bonita e espaçosa capela. Tinha uma construção ligeira tendo o superior da missão contribuído com 1.000 florins.

Em Bidau, foi também feita uma pequena capela.

Todas as outras igrejas ou capelas eram feitas de palapa e cobertas de folha de palmeira, segundo o costume e posse do país, segundo relatório do Bispo Medeiros (26 de Abril de 1887).

Para além das referidas igrejas ou capelas, dos edifícios escolares e dos terrenos, os padres seculares construíram também outros edifícios para a administração eclesiástica como casas paroquiais em Oecussi, Batugadé, Baucau, Lacluta e Manatuto.

*Continuação
no próximo número*

O que é o Prémio Camões?

O Prémio Camões foi criado em 1988 pelos governos português e brasileiro e é o mais importante da nossa língua. Instituído pelo Protocolo Adicional ao Acordo Cultural entre o Governo da República Portuguesa e o Governo da República Federativa do Brasil, visa "consagrar anualmente um autor de língua portuguesa que, pelo valor intrínseco da sua obra, tenha contribuído para o enriquecimento do património literário e cultural da língua comum".

Saida maka Prémio Camões?

Prémio Camões hahú primeiru iha 1988 husi Governu Portugal no Brazil nian, no ida-ne'e maka prémio importante liu hotu iha lia-portugés. Prémio ne'e sai husi *Protocolo Adicional ao Acordo Cultural entre o Governo da República Portuguesa e o Governo da República Federativa do Brasil* atu fó tinatinan ba ema ida ne'ebé hakerek iha ona livru barak ne'ebé kontribui atu hasa'e lia-portugés no kultura husi povu sira ne'ebé ko'alia lingua portugés.



A escritora portuguesa Maria Velho da Costa foi distinguida com o prémio Camões 2002. A deliberação do júri, por unanimidade, foi anunciada no passado dia 10 de Maio.

Maria Velho da Costa nasceu em Lisboa, a 26 de Junho de 1938. Licenciada em Filologia Germânica pela Universidade de Lisboa, tirou mais tarde o curso de Grupo-análise da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria. Foi membro da direcção e presidente da APE (Associação Portuguesa de Escritores), entre 1973 e 1978. Trabalhou no King's College, em Londres, de 1980 a 1987. Entre 1988 e 1990, foi adida cultural da Embaixada de Portugal em Cabo Verde.

Maria Velho da Costa estreou-se na vida literária em 1966, com *O Lugar Comum*, um livro de contos. *Maina Mendes*, publicado três anos depois, marcaria o início da afirmação da escritora como um dos nomes de referência na literatura portuguesa contemporânea. A sua obra tem sido objecto de vários estudos no país e no estrangeiro. Entre outras distinções, recebeu, em 1997, o Prémio Vergílio Ferreira, atribuído pela Universidade de Évora.

Maria Velho da Costa

Hakerek-na'in Maria Velho da Costa foin manán Prémio Camões 2002. Juri sira hotu hili nia simu prémio ne'e, no sira fó-sai hatene iha loron 10 fulan-Maiu liubá.

Maria Velho da Costa moris iha Lizboa, iha loron 26 fulan-Juñu 1938. Nia halo nia kursu kona-ba Filolojia Jermánika iha Universidade Lizboa, no hafoin nia hasai kursu Grupu-análize iha *Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria*. Nia sai membru diretoria no mós presidente iha APE (Klibur Hakerek-na'in Portugal nian) husi tinan 1973 to'o 1978. Nia servisu iha *King's College*, iha rai-Londres, husi 1980 to'o 1987. Husi 1988 to'o 1990 nia servisu nu'udar adida kultural iha Embaixada Portugal nian iha Kabuverde.

Maria Velho da Costa habú nia moris nu'udar hakerek-na'in iha 1966, ho livru ida ho istória badak barak naran *O lugar Comum*. Tinan tolu depois nia publika livru *Maina Mendes* ne'ebé halo nia naran sai boot nu'udar hakerek-na'in iha loron ne'e. Ema barak iha Portugal nia laran no iha rain seluk halo iha ona estudu oioin kona-ba ninia livru sira. Nia simu prémio oioin, hancsan porezemplu Prémio Vergílio Ferreira iha 1997, ne'ebé Universidade Évora maka fó.

Obra literária

O Lugar Comum, 1966
Maina Mendes, 1969
Novas Contas Portuguesas, 1972
Desesorta, 1973
Crava, 1977
Casas Pardas, 1977
Da Rosa Fria, 1978
Corpo Verde, 1979
Lúcia Lima, 1983
O Mapa Cor de Rosa
Missa in Albis, 1988
Dores, 1994
Moderna, 1999
Itene ou o contrato social, 2000

9

Ministério dos Negócios
Estrangeiros



INSTITUTO
CAMÕES

Livros

Babel Loro Sa'e - O Problema Linguístico de Timor-Leste



A colecção *Cadernos Camões* tem como objectivo reunir os grandes nomes e os grandes temas em torno dos quais a cultura portuguesa pode ser, de forma acessível mas objectiva, apresentada a outras culturas.

Babel Loro Sa'e - O Problema Linguístico de Timor-Leste constitui um contributo da maior valia para o esclarecimento das raízes históricas da diversidade linguística existente em Timor, para a contextualização dos motivos que permitiram ao tétum-praça transformar-se em língua franca do território e, finalmente, para a compreensão das profundas relações existentes entre o Tétum e o Português.

Luís Filipe F. R. Thomaz

Instituto Camões

Camões - Revista de Letras e Culturas Lusófonas N.º 14

A revista *Camões - Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, ao associar-se à independência de Timor, mais não pretende do que assinalar e congratular-se com o nascimento de um país com quem partilhou a História desde o século XVI.

Os textos reunidos neste número foram organizados a partir de cinco núcleos confluentes no sentido da sua ordenação. José Mattoso escreve sobre a identidade de Timor Lorosa'e e Geoffrey Gunn sobre a importância da língua e da cultura na construção desta nova nação. Textos ainda de Taur Matan Ruak, Pe. João Felgueiras, João Freitas de Câmara, Luís Costa, Paulo Pires e de Luís Cardoso, entre outros.

Instituto Camões



Guia de Conversação Português-Tétum



O presente *Guia de Conversação Português-Tétum* visa, fundamentalmente, facilitar o contacto com os timorenses a todos aqueles que, falando português, necessitam de o fazer. No entanto, não se exclui a hipótese de ele funcionar também em sentido inverso, isto é, do falante de tétum para o de português.

É afinal um instrumento fundamental linguístico que possibilita o contacto imediato entre os falantes de português e os falantes de tétum. O formato do mesmo, livro de bolso, é, sem dúvida, outro dos elementos práticos deste guia.

Luís Costa

Edições Colibri

Apoios - UNTIL & Instituto Camões

**DAMOS CORAO SEU
PROFISSIONALISMO**

Desde a sua abertura oficial, em 1 de Março de 2001, três artistas gráficos, três impressores e uma secretária/contabilista foram treinados para trabalhar na Tipografia Diocesana de Baucau, oficialmente registada como Publicações Matebian.

Presentemente, a Tipografia tem capacidade para satisfazer a maioria das necessidades tipográficas do Estado e de instituições comerciais, educacionais e culturais. Pode imprimir, a cores, cartões de visita, revistas e cartazes até ao tamanho A2.

A Tipografia tem sede na Rua da Catedral, em Baucau, e um escritório na Rua Pantai Kalapa, em Bebono, Díli.

Pedidos de trabalhos poderão também ser feitos pelo telemóvel 0419 827 283 ou pelo correio electrónico matebian.pu@octa4.net.au

Dê profissionalismo ao seu trabalho!...
A cor é por nossa conta!



Ciclos de Cinema

"Co-Produções" e "Descobrir o Cinema Brasileiro"

no Centro Cultural Português

JULHO - "Co-Produções"

O Oiro do Bandido, de Luís Alvarães

Sinopse: Clara, aliciada por uma seita de fundamentos apocalípticos, sediada numa quinta da Serra da Arrábida, foge em direcção a Lisboa com dois lingotes de ouro, pertença do líder da seita. **Dia 1** (17 h.)

Vale Abraão, de Manoel de Oliveira

Sinopse: É a história de Ema, mulher de uma beleza ameaçadora, e de Carlos, o marido com quem casou sem amor. **Dias 5** (17 h.), **6** (17 h.) e **8** (17 h.)

Viagem ao Princípio do Mundo, de Manoel de Oliveira

Sinopse: É um actor francês, Afonso, desloca-se a Portugal para participar num novo filme. Durante a rodagem, esse actor, que é filho de pai português e mãe francesa, exprime o desejo de ir visitar a aldeia da sua família e tentar encontrar uma tia que creia ainda viva. **Dias 12** (17 h.), **13** (17 h.) e **15** (17 h.)

Ao Sul, de Fernando Matos Silva

Sinopse: Henrique, veterano da guerra colonial portuguesa, virou costas ao seu país nos anos 70 para se instalar na tranquila Holanda. Regressa 20 anos depois, mas a Europa transformou Portugal e mesmo o Sul, onde nasceu, está modificado. **Dias 19** (17 h.), **20** (17 h.) e **22** (17 h.)

Pandora, de António da Cunha Telles

Sinopse: Lisboa, início de Setembro. Elsa, 40 anos, hospeda Teresa, uma rapariga de vinte anos no quarto da filha Inês. As duas mulheres saem à noite e encontram-se com Raúl, num clube nocturno de Lisboa. **Dias 26** (17 h.), **27** (17 h.) e **29** (17 h.)

AGOSTO - "Co-Produções"

Chá Forte com Limão, de António Macedo

Sinopse: Raquel, uma velha morgada da fidalguia provinciana da época, vive numa quinta, em Penacova, no Litoral, num casarão antigo, apenas acompanhada por um velho mordomo e alguns criados. **Dias 2** (17 h.), **3** (17 h.) e **5** (17 h.)

Os Olhos Azuis de Yonta, de Flora Gomes

Sinopse: A verdadeira heroína deste filme é a cidade de Bissau. Neste espaço em mutação, onde ronda o medo das explosões e do desemprego, cruzamos o caminho de Yonta, jovem rapariga silenciosamente apaixonada por Vicente, amigo de seus pais e antigo herói da independência. **Dias 9** (17 h.), **10** (17 h.) e **12** (17 h.)

Party, de Manoel de Oliveira

Sinopse: Se qualquer coisa há escondida neste filme, como a intenção, isso servirá para demonstrar também como perversos e cheios de maldade "saíram" os homens. **Dias 16** (17 h.), **17** (17 h.) e **19** (17 h.)

Retrato de Família, de Luis Galvão Teles

Sinopse: Miguel, fotógrafo, rapta a sua própria filha, Ophélia, numa tentativa falhada de reconquistar Lea, amazona de circo, que loucamente amara e o abandonara. **Dias 23** (17 h.), **24** (17 h.) e **26** (17 h.)

Non ou a Vã Glória de Mandar, de Manoel de Oliveira

Sinopse: Filme que aborda de frente a memória da guerra colonial, evocando diversos pontos de viragem da História de Portugal. **Dias 30** (17 h.) e **31** (17 h.)

SETEMBRO - "Co-Produções"

Non ou a Vã Glória de Mandar, de Manoel de Oliveira

Sinopse: Filme que aborda de frente a memória da guerra colonial, evocando diversos pontos de viragem da História de Portugal. **Dia 2** (17 h.)

Adieu Princesa, de Jorge Paixão

Sinopse: Mitó mora numa pequena aldeia alentejana, é filha do dirigente do Partido Comunista local, tem 18 anos e estuda no liceu de Beja. **Dias 6** (17 h.), **7** (17 h.) e **9** (17 h.)

Laços de Sangue, de Pál Erdoss

Sinopse: Lina e Mariana fogem de um orfanato do Porto em direcção ao sul, em busca do pai de Lina. **Dias 13** (17 h.), **14** (17 h.) e **16** (17 h.)

SETEMBRO - "Descobrir o Cinema Brasileiro"

Guerra dos Canudos, de Sérgio Rezende

Sinopse: Filme sobre uma família sertaneja numa guerra que recria a fundação e a destruição do Arraial de Canudos, no sertão do Estado da Bahia. **Dias 20** (17 h.), **21** (17 h.) e **23** (17 h.)

Padre António Vieira, de Júlio Bressane

Sinopse: Narra a vida do Padre António Vieira no Brasil. **Dias 27** (17 h.), **28** (17 h.) e **30** (17 h.)

O segundo Festival Hatudu Cultura vai decorrer no próximo mês de Agosto, durante um fim de semana. Ao longo desses dois dias de espectáculo, várias formas de arte timorense em Tétum e/ou Português, como dança, teatro, poesia, música ou passagem de modelos, poderão ser apresentadas.

Se cantas, se danças, se és actor ou se tens outro interesse artístico, inscreve-te no Instituto Camões-Centro Cultural Português, no edifício ACAIT, para participar no Festival Hatudu Cultura. Ou então preenche a ficha de inscrição deste Boletim e entrega-a no Instituto Camões-Centro Cultural Português.

Festivál Hatudu Kultura darua sei hala'o iha fulan-Agostu oin durante sábado ho domingu ida nia laran. Iha loron rua ne'e ema sei bele hatudu arte oioin Timór nian, ho tetun ka portugés, hanesan dansa, teatru, poesia, música no hatudu-modu (fashion show).

Ó hunanu ka, ó dansa ka, ó halmar teatru karik, eh ó iha interesse ba arte seluk karik, bele bá tau naran iha Instituto Camões - Centro Cultural Português iha Edifício ACAIT atu hola parte iha Festivál Hatudu Kultura ne'e. Bele mós prenxe fixa inskrisaun iha boletin ida-ne'e no hatudu iha Instituto Camões - Centro Cultural Português.

FESTIVAL HATUDU CULTURA

Fixa Inskrisaun nian / Ficha de Inscrição

Responsavel nia naran
Nome do Responsável

Telefone numeru
N.º de Telefone

Arte ne'ebé nia halo
Forma de Arte

Grupun nia naran
Nome do Grupo

Ema hira
N.º de Elementos do Grupo

Hela fatin
Morada

Sasan ne'ebé prezisa iha festivál
Necessidades de Equipamento durante o Festival